

RECADO DE PARIS

PARIS, junho — A revista "Match" faz dois retratos paralelos de Truman e Stalin. Truman, 66 anos, saúde ótima, acorda às 6 da manhã, toma um grande copo de suco de laranja gelado e faz um passelo a pé de três quilômetros; depois consome um "breakfast" de mingau, ovos com bacon, leite e torradas, trabalha, almoça, faz a sesta, trabalha, nada durante quinze minutos na piscina, janta e dorme entre as 10 e às 10 e meia, de um sono só. Não fuma e apenas bebe, às vezes, duas ou três doses de whisky antes do jantar — e a revista não diz se é por patriotismo ou mau gosto que ele bebe o "bourbon" no lugar do "scotch". Namorou vinte anos antes de casar (bem), toca seu Chopin no piano, tem um trem de vida que a oposição considera "demasiado senhorial", com três palácios, dois aviões, um iate, 35 autos e 225 servidores (contra 53 de Roosevelt), tornou-se autoritário depois de sua reeleição, é capaz de imprudências e rompantes, incapaz de poses e dramas; depois do enterro de sua mãe juntou os jornalistas, ficou um momento silencioso, torceu um instante a gravata e afinal disse: "Rapazes, eu agradeço a todos pela atitude que tiveram durante esse negócio todo" (*during the whole business*) — e depois foi lá para dentro chorar. É ainda capaz de confessar um erro, não conhece nenhum dos grandes sistemas filosóficos, econômicos e políticos do mundo moderno, e o auge de sua educação foi um curso noturno de direito em Kansas City.

Quando menino quis ser militar, foi calheiro aos 15 anos, depois bancário, depois trabalhou na fazenda do pai dez anos, até a guerra, em que chegou a capitão de um grupo de artilharia que deu sua primeira salva dez minutos antes da hora do armistício entrar em vigor. Na volta, abriu uma camisaria, teve prejuízo, meteu-se na política, chegou a senador como servidor (honesto) de um chefe político desonesto, foi indicado para vice-presidente porque não se queria mais Wallace e ficou presidente porque Roosevelt morreu. A revista aponta o bom lado humano de Truman: fiel aos amigos, amante dos pássaros, e capaz de arriscar tudo em sua carreira e dividir o seu partido para ficar inteiramente ao lado dos negros do Sul. E seu mau gosto em pintura: considera o impressionismo francês a escola dos ovos com presunto. "No lugar de pintarem o que vêem, eles põem o presunto na frigideira e quebram os ovos em cima" — disse ele, com desprezo. E um jornalista perguntou: "Mas o senhor acha que Cézanne, Van Gogh e Gauguin pertencem à escola do presunto com ovos?". E ele, que tinha chamado os jornalistas para ver uma coleção de quadros acadêmicos sem qualquer valor: "Certamente!".

"O mau gosto — diz a revista — é uma das raras coisas que os dois homens têm em comum". Lembremos que essa "rara coisa" é banalíssima — e deixemos para amanhã o retrato de Stalin.